

Tradução é arte

Beethoven Alvarez e Carolina Paganine*

A tentativa de definir o que é tradução é tão antiga quanto o próprio ato de traduzir. Na história, abundam as definições metafóricas e, para Paulo Rónai (2012, p. 26), muitas comparam o ofício do tradutor com o de artistas como aquela de Mme. de Staël que aproxima a tarefa do tradutor a de um músico que toca uma partitura escrita para outro instrumento, para citar apenas uma das tantas elencadas por Rónai. Jiří Levý também aponta que o trabalho mais parecido com o do tradutor seria o do ator, mas este último teria maior poder criativo por transpor algo do texto para a encenação. Não obstante, vale ressaltar que Levý legitima a tradução como arte mesmo reconhecendo sua natureza de “reprodução artística”: “[u]ma tradução como obra de arte é reprodução artística, a tradução como um processo é criação original e a tradução como forma de arte é um caso fronteiro na interface entre arte reprodutiva e arte original e criativa” (2011, p. 58)¹.

Para contrapor uma noção de impossibilidade da tradução, em especial de textos poéticos, noção fundamentada ora na incomensurabilidade entre as línguas, ora na crença da inferioridade da tarefa de traduzir perante a de criar ou em definições mais basais de tradução como transposição de conteúdos, Paulo Rónai afirma que “tradução é arte” (1952, p. 3)². Seguindo argumentação semelhante, a

* UFF

¹ Tradução de Carolina Paganine e Vanessa Hanes, conforme citado no artigo “Tradução e criação em foco: estabelecendo bases e explorando perspectivas” (2019, p. 18).

² Segundo Zsuzsanna Spiry (2016), essa frase foi mantida até a quinta edição de *Escola de Tradutores* sendo omitida nas edições posteriores, inclusive na edição mais recente de 2012 pela Editora José Olympio. Aqui citamos a partir de um documento PDF da primeira edição.

ideia de uma fronteira entre arte reprodutiva e criativa é retomada por Haroldo de Campos que afirma: “para nós, tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca” (2013, p. 5). Para o poeta e tradutor, a tradução é uma “empresa criadora” e por isso merecia uma nova denominação, sendo “transcrição” o termo que ficou mais conhecido, sinalizando que, neste caso, a tradução é uma criação tanto *a posteriori* e que vai além da obra de partida quanto uma criação que altera, que modifica, que *transforma*. Já Augusto de Campos afirmou preferir o termo “tradução-arte”: “uma tradução que procura transpor para a língua receptora não só o sentido mas a riqueza dos valores formais (ritmos, rimas, assonâncias, aliterações, paranomásias, metáforas, etc.) e a poeticidade do texto original (2003, p. 261).

Esse caráter transformador também é sentido na seguinte definição de tradução, tomada em geral, não só a artística, elaborada por Lawrence Venuti:

O processo através do qual uma mensagem é decodificada a partir de uma cadeia de significantes fornecida pelo autor estrangeiro, e outra mensagem correspondente é codificada em outra cadeia, fornecida pelo tradutor. Os dois passos fundamentais deste processo – a escolha da mensagem e a cadeia de significantes – demonstram *a natureza profundamente transformadora da tradução e a intervenção ativa do tradutor* (1995, p. 113, grifo nosso).

O destaque nesse trecho serve para pontuar que a natureza da tradução é bastante semelhante à natureza de uma criação, corroborando o que Levý já havia dito sobre o lugar fronteiro da tarefa. Serve também para pontuar a agência do tradutor como autor e criador de uma nova obra e sugerindo novas noções compartilhadas de autoria.

Partindo do ponto de vista sobre autoria e performance na tradução, Gabriela Saldanha (2021, *passim*) se questiona se tradução é arte para, em seguida, traçar um histórico de que estudos com análises estilísticas têm sido usados para comprovar que traços individuais dos tradutores podem ser encontrados nas traduções, atestando a autoria criativa do produto. Avançando na discussão e retomando a metáfora tradutores-artistas, a autora equipara a tarefa artística de traduzir a

um modo de performance com quatro pontos em comum: 1) como atores, os tradutores representam uma outra figura, seja um personagem ou um autor; 2) a naturalidade e espontaneidade das performances requeridas das duas tarefas que exigem bastante preparo; 3) a distância temporal e espacial que existe entre a obra fonte e a tradução ou a performance que permite que tanto tradutores como performadores possam expressar sua própria voz e arte; e 4) tradução e performance são destinadas a um público que não está previsto na obra originária, seja por causa da língua, seja por causa da transposição do texto para o palco.

Pensar a tradução como criação artística está no cerne do núcleo de tradução e criação³, sediado na Universidade Federal Fluminense e coordenado pelos organizadores deste número. Nessa direção, já organizamos dois colóquios e dois livros sobre o assunto⁴. Se, no primeiro livro, as organizadoras e autoras Carolina Paganine e Vanessa Hanes propunham as perguntas: “afinal, traduzir é criar? O tradutor é também um autor? Qual o valor da descrição e da análise do processo criativo, tanto do tradutor quanto do autor do chamado “original”? Quais são os limites ao se analisar o processo criativo de outrem? Qual o valor da criação per se enquanto produção acadêmica?” (2019, p. 15) para investigar como diferentes pensadores enxergavam essas questões, e se estes nossos antecessores precisavam argumentar o porquê de tradução ser arte, neste momento e neste número nos interessa entender como traduzir se insere no campo do fazer artístico e o que tradutores e tradutoras têm produzido nesse sentido. Aqui, partimos da frase “tradução é arte” assumindo já um caráter asseverativo que a coloca como ponto de partida a ser desdobrado pela reflexão.

Nesse entendimento, a prática da tradução, seja literária, poética, dramática ou intersemiótica, seja qual for o adjetivo que

³ Criado em 2016, o núcleo de tradução e criação (ntc/uff) é um grupo de professores, pesquisadores e estudantes reunidos em torno do interesse por pensar e promover essas áreas no meio acadêmico. Para saber mais sobre o núcleo, conferir: <https://ntc.uff.br/>. Acesso em 25 out 2023.

⁴ As duas edições do Colóquio Tradução e Criação ocorreram em 2017 e em 2019. Da primeira, originou-se o livro *Tradução e Criação: entrelaçamentos* (org. Carolina Paganine e Vanessa Hanes. Campinas: Pontes Editora, 2019) e, da segunda, *Tradução e criação: entrecampos* (org. Beethoven Alvarez e Carolina Paganine. Campinas: Pontes Editores, 2021) com textos de convidados do evento e de integrantes do ntc.

empreguemos para ajudar a conceitualizá-la, pode ser considerada uma prática artística que demanda engenho e criatividade para sua recriação. Entender tradução como arte também dialoga com as novas e imperiosas necessidades de revisitação dos conceitos e compreensão das diferenças, aproximando o poético do político. Para a artista e tradutora Sawako Nakayasu, e autora do provocativo ensaio *Say Translation is Art* (2020), a tradução se conecta com performance, repetição, falha, processo, colaboração, feminismo, polifonia, conversa, desvio, experimentação e improvisação. Tradução como prática artística, livre e aberta, pode ser também espaço de reconstrução contra-hegemônica, pode operar como desconstrutora pós-colonial e revelar novas perspectivas a respeito dos fundantes mitos da invisibilidade e da fidelidade. Entre tantos “des” e “paras” que se mudam entre signos tão diversos, o trabalho criativo e artístico de tradutores e tradutoras (re)inventa contextos de escrita calcados no paroxismo incontornável da alteridade.

Num trecho, ainda no início do ensaio-manifesto de Sawako Nakayasu, podemos ler em nossa tradução:

Diga qual é a menor unidade de tradução, diga palavra, diga sílaba, diga fonema, diga ortografia, diga caligrafia, diga respiração, diga a partícula de pensamento que precede a articulação.

Diga qual é a maior unidade de tradução, diga poema, diga livro, diga todos os livros, diga tudo que já escreveram, diga tudo que jamais escreveram, ainda não escreveram, diga a passagem entre tudo que já escreveram e todas as pessoas que já leram qualquer coisa que já escreveram, ou diga algo maior, mais amplo.

[...]

Diga aquela outra coisa, diga inefável, diga gambá, diga tigre, diga criaturas intergalácticas todas flutuando na *digitas* pré-coativa, diga é assim que traduzem, diga eu você você eu, eu arrisco você eu, diga isso e me traduza. (NAKAYASU, 2020, p. 5).

O experimentalismo poético-teórico de Nakayasu nos convida a dizer e pensar diversas associações entre tradução e arte e, principalmente, nos estimula a escolher caminhos e desvios entre eu e outro. Tradução como risco. Como risco que arrisca e como o risco que rabisca. Ampliam-se os horizontes entre e para além de original e

tradução. Tradução é arte quando dizemos isso, quando tradução e arte são criadoras de novos mundos.

A variedade e a quantidade de artigos sobre “Tradução é arte” previstos para comporem este n. 35 e, posteriormente, o n. 36 da *Tradução em Revista* atestam o crescente interesse em se produzir reflexões alinhando esses dois campos do conhecimento, o tradutório e o artístico, e em pensar como tanto um como o outro podem se interconectar e se beneficiar de contribuições mútuas. Nesse sentido, é válido investigar se o tema “tradução é arte” já não pode também indicar uma “virada artística” nos Estudos da Tradução, em especial a literária e no Brasil, nos moldes da “virada cultural” (“cultural turn”) estabelecidos por Susan Bassnett e André Lefevere⁵. Tal é a empreitada que os artigos dos dois volumes pretendem dar conta em parte, sem nenhuma pretensão de esgotar todas as possibilidades de encarar o tema, mas com vistas a fomentar o debate.

Abre este número o artigo “Uma tradução rimada para Lucrece, de Shakespeare: negociações entre forma e conteúdo”, de Leonardo Augusto de Freitas Afonso, que apresentará uma nova tradução, ainda inédita, para o poema narrativo *The Rape of Lucrece* (1594), obra, segundo o tradutor, relativamente negligenciada dentro do cânone shakespeariano. Em português, o texto recebeu apenas duas traduções, mas nenhuma delas preserva a regularidade da rima. O texto inclui ainda um aporte teórico sobre tradução poética, a partir do qual propõe uma análise do seu próprio processo tradutório.

Em “Reimaginar o poema: modelações da forma pelo ritmo numa prática artística tradutória”, Ticiane Flávia Martins da Cruz e Rogério Barbosa da Silva experimentam com a linguagem e com imagens para realizar uma tradução “verbicovisual”, nos termos dos poetas concretistas, do poema “On the Grasshopper and Cricket”, de John Keats (1795-1821). A partir de uma reflexão sobre o conceito não tão conhecido de Haroldo de Campos sobre “reimaginação” e pensando a tradução poética a partir da ideia de transformação nas artes segundo Herberto Helder e de ritmo de Henri Meschonnic, os autores vertem o poema de Keats para o português e depois procedem

⁵ Em 1990, Bassnett e Lefevere identificaram uma mudança nos caminhos de pesquisa em Estudos da Tradução que partiam de análises sob viés mais estritamente linguístico para um viés com enfoque maior nos estudos culturais e políticos da tradução. Para um panorama sobre o assunto, ver o capítulo “Cultural and ideological turns” de Jeremy Munday (2001).

a uma composição visual que resulta em um livro-poema em que o poema é reimaginado tanto em outra língua como em outra identidade visual, que pode ser conferida nas diversas figuras com imagens do livro.

Também tratando da visualidade do poema, Ana Maria Ferreira Torres analisa as traduções feitas por um grande expoente do pensamento e da prática sobre tradução como fazer artístico que é Augusto de Campos, em específico sua tradução de “Das Rosen-Innere”, de Rainer Maria Rilke (1875 - 1926) no artigo “Iconicidade e liberdade na tradução de Das Rosen-Innere, de Rilke, por Augusto de Campos”. Nele, a autora comenta com especial atenção os recursos de plasticidade dos poemas de Rilke e da tradução de Campos refletindo sobre aspectos como a percepção observador/observado, interno/exterior trazendo o conceito de “cenografia do olhar” (Christian Jany, 2014) que se materializam no texto de partida e na tradução.

Flavia Renata Quintanilha aproxima, no artigo “O método zambraniano como caminho possível de uma arte poética da tradução: considerações sobre a prática tradutória no âmbito da hermenêutica filosófica”, os campos da tradução e da filosofia por meio de uma tradução comentada de dois poemas da escritora e filósofa espanhola María Zambrano (1904-1991). Para tanto, Quintanilha evoca os conceitos de “fusão de horizontes” de Hans-Georg Gadamer e “hospitalidade linguística” de Paul Ricoeur para melhor compreender a teoria da imaginação de Zambrano que, para a autora do artigo, vai além do proposto pelos filósofos e “compreende a vida como a totalidade existente do real e que tem na razão poética a capacidade de trazê-lo à luz através das palavras que emanam da própria realidade”. Em seguida, Quintanilha propõe uma “razão poética da tradução” para empreender seu próprio processo tradutório dos poemas de Zambrano.

Luiz Henrique Milani Queriquelli, em “Duas propostas para a tradução de Hercules Furens de Sêneca: problematizando a tradução da letra e a adaptação”, realiza uma reflexão sobre dois modelos teóricos, mobilizando os conceitos da “tradução da letra” (Berman (2008 [1991]) e da “adaptação global” (Bastin, 1998), para apresentar e discutir amostras de duas propostas distintas para a tradução da

tragédia "Hercules furens" de Sêneca: a primeira delas a partir de um modelo literalista e a segunda propondo se como adaptação. Neste contexto, o tradutor faz uma apologia da adaptação como solução alternativa para as limitações estéticas de uma tradução literalista.

Em "Marcial aporta na Bahia: traduzindo colíambos ao modo de Gregório de Matos", Fábio Paifer Cairolli, explora experimentalmente algumas questões estéticas que envolvem um metro significativo da poesia latina, o colíambo, ou escazonte, que tradicionalmente tem sua criação atribuída ao poeta arcaico grego Hipônax. O tradutor e também poeta busca formas de responder, em tradução, a necessidades estéticas da poética clássica por meio de recursos consagrados na tradição poética da língua portuguesa e, para isso, retorna ao "mestre do ridículo na poesia brasileira", o poeta Gregório de Matos. Partindo de convergências de gênero, ritmo e forma, Cairolli traduz ao modo gregoriano (tendo o soneto "Na oração que desaterra aterra" como paradigma) os versos escazontes da obra do poeta latino Marcial, nos apresentando o resultado de sete desses epigramas de Marcial traduzidos e comentados.

Por sua vez, Regimário Costa Moura e Maria Hozanete Alves De Lima, em "Tradução Comentada E Metrificada Do Prefácio De Psychomachia Em Trímetro Iâmbico", trazem uma tradução metrificada do trímetro iâmbico que investe na "manutenção do discurso do texto" e também tecem comentários que elucidam o processo tradutório. Aqui aparecem a tradução do prefácio (versos 1-24) da obra *Psychomachia*, de Prudêncio, numa proposta de tradução que articula os conceitos de "transcrição" como postulado por Haroldo de Campos (em tantos trabalhos) e na noção de "tradução estrangeirizante", conforme Venuti (2021 [1995]), dando continuidade a uma já estabelecida discussão sobre a tradução do trímetro iâmbico latino em português.

Em mais um texto que trata da tradução de literatura latina para o português, "Precursos do dístico vernáculo 12/10 na tradução de elegia latina em língua portuguesa", João Victor Leite Melo traça uma historiografia de modelos de tradução do dístico elegíaco latino, tendo em vista a elegia do período augustano representada por Propércio, Tibulo e Ovídio. O artigo discute o modelo homológico estrutural já tradicionalmente empregado que transforma hexâmetros e

pentâmetros latinos em dodecassílabos e decassílabos de formatos rítmicos variados, abordando algumas traduções de Silva Ramos (1964), Rebelo Gonçalves (1975) e Oliva Neto (1996) para descrever quais são as origens e as bases teórico-metodológicas do dístico vernáculo 12/10.

Tematizando agora a tradução do russo, Karina Vilela Vilara e Elitza Bachvarova, em “Um Maiakóvski Brasileiro: O Paradigma da Tradução da Poesia Russa no Brasil”, ensaiam apresentar um quadro da história da tradução da poesia russa no Brasil, que galgou terreno por volta dos anos 1950 e continua até os dias de hoje criando raízes profundas no inventário cultural dos trópicos. O ponto de partida escolhido foi a tradução do verso de Maiakóvski, que representa o começo da tradução de poesia russa no Brasil e que, principalmente, circulava em antologias e cadernos literários dos jornais de grande veiculação.

No artigo “Em busca de uma dicção na tradução dos falares não-padrão em *Tess of D’Urbervilles*”, Gisele Flores Caldas Manhães analisa duas traduções do referido romance de Thomas Hardy (1840-1928) para então propor sua própria tradução de trechos de discurso direto aproveitando marcas do dialeto caipira do Brasil. Manhães desenvolve uma pesquisa tanto sobre o projeto dialetal em Hardy quanto sobre o dialeto caipira para embasar sua escolhas tradutória por uma variação diatópica no texto traduzido que, como a autora afirma, é “uma prática incomum no contexto atual de literatura traduzida no Brasil” e que envolve um trabalho complexo e criativo sobre as representações de língua não padrão na literatura.

Em “Floating Bear – poemas traduzidos”, Luiza Leite e Thais Medeiros comentam o processo de selecionar, traduzir e organizar uma publicação a partir de poemas que saíram inicialmente na revista *The Floating Bear*, editada na década de 1960 por Diane di Prima (1934-2020) e LeRoi Jones (1934-2014), sendo que alguns poemas são de autores ainda inéditos no Brasil. As autoras entendem seu processo como uma ação performativa e colaborativa, que envolveu a participação de 29 tradutores/as que puderam escolher os poemas a traduzir dentro da seleção prévia feita pelas organizadoras, o que para elas caracterizou um “mutirão de tradução como um projeto de arte”. Por isso se entende um projeto editorial que privilegia “a página como

espaço escultórico e performativo, que atualiza em sua forma o que procura exprimir e proporciona encontros entre várias linguagens” e que contou com a participação de duas designers para o projeto gráfico. Disso resultou a tradução de poemas de 36 poetas, alguns deles comentados pelas autoras no artigo, e que foram publicados em coletânea homônima ao título deste artigo e que saiu em 2021 pelas editoras independentes Fada inflada e Rébus.

O último artigo deste primeiro volume é “Dez Cartas a Milena, de Franz Kafka: uma tradução comentada” de Leonardo Petersen Lamha e Susana Kampff Lages. Nele os autores empreendem a tradução das dez primeiras cartas escritas por Franz Kafka para Milena Jesenská, ocorridas principalmente durante 1920 e publicadas postumamente pela primeira vez em 1952. Até agora inéditas em português brasileiro, as cartas à Milena se constituem um capítulo especial dentro do epistolário de Kafka, seja pelas influências que o relacionamento com a jornalista e tradutora trouxe para sua obra ficcional, no caso, segundo os autores, em *O castelo* e em *Narrativas do espólio*, seja pela “metalinguagem privada” dos correspondentes. Para os autores e tradutores, é nesse aspecto que reside o desafio de traduzir as cartas e também no seu entrelugar entre literatura e comunicação privada, igualmente marcadas pelo distinto estilo kafkiano. Notas acompanham as traduções e esclarecem questões de contexto e de linguagem a fim de incluir as pessoas que leem no “jogo entre literatura, metaliteratura e tradução”.

Fechando o número, Brunno Vinicius Gonçalves Vieira resenha o livro *Latinogramas: Extraduções* (Galileu Edições, 2020), de poesia “extraduzida” por Augusto de Campos. Na plaquete bilíngue, Campos traz poemas de Catulo (o famoso *carmen* 51 agora em versão visual), Horácio (com seu ubíquo *carpe diem*), Propércio (predileto de Pound), Marcial e Ausônio. A erudita e sensível análise de Vieira deslinda a relação do nosso Augusto com a poesia romana desde muito e convida o leitor, mesmo diante do CAVE CANEM da capa, a querer reviver poema latinos “no presente com a intensidade nova da visualização que destaca o momento da leitura”.

Referências bibliográficas

- BASTIN, G. Adaptation. In: Baker, M; Saldanha, G. (orgs.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. London: Routledge, 2011, p. 3-6.
- BERMAN, Antoine. A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Helene Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/Pget, 2007 [1985].
- CAMPOS, Augusto de. *Invenção: de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti*. São Paulo: Arx, 2003.
- CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: . *Transcrição*. Organização de Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 1-18.
- JANY, Christian. »Das Anschauen ist eine so wunderbare Sache, von der wir noch so wenig wissen« – Szenographien des Schauens beim mittleren Rilke. *Zeitschrift für Ästhetik und Allgemeine Kunstwissenschaft*, Zurich, v. 1, n. 59, p. 141 – 160, jan. 2014.
- LEVÝ, Jiří. *The Art of Translation*. Tradução de Patrick Corness. Amsterdam: John Benjamins, 2011.
- MUNDAY, Jeremy. “Cultural and ideological turns”. In: ____ . *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. 2nd ed. London: Routledge, 2001.
- NAKAYASU, Sawako. *Say Translation is Art*. New York: Ugly Duckling Press, 2020. Disponível em: <https://uglyducklingpresse.org/publications/say-translation-is-art/> Acesso em 25 out. 2023.
- PAGANINE, Carolina; HANES, Vanessa. “Tradução e criação em foco: estabelecendo bases e explorando perspectivas”. In: Carolina Paganine; Vanessa Hanes. (Org.). *Tradução e Criação: entrelaçamentos*. Campinas: Pontes Editora, 2019. p. 15-30.
- RÓNAI, Paulo. “Traduzir o intraduzível”. In: ____ . *Escola de Tradutores*. Cadernos de Cultura. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- SALDANHA, Gabriela. The translator: Literary or performance artist? In: *Translation and Interpreting Studies*. Volume 16, Issue 1, May 2021. p. 61 - 79. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/tis.19067.sal> Acesso em 25 out 2023.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. In: *Palavra* 3. (1995) 111-134. Tradução de Carolina Alfaro. Rio de Janeiro, 1995.]

SPIRY, Zsuzsanna. *Escola de Tradutores, de Paulo Rónai, marco zero na história dos Estudos da Tradução no Brasil – a genética de uma trajetória*. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2016.